

## **Portelinha<sup>1</sup>**

Jéssica Rodrigues dos SANTOS<sup>2</sup>

Ariovaldo CAMPOS JUNIOR<sup>3</sup>

Laís Menegati SCHIAVOLIN<sup>4</sup>

Luana da Silva RUIZ<sup>5</sup>

Mariana Spezzoto FORLEVIZE<sup>6</sup>

Marina Neves COLTRO<sup>7</sup>

Paula Pedroso AMARAL<sup>8</sup>

Thais Rejane NASCIMENTO<sup>9</sup>

Ana Maria CORDENONSSI<sup>10</sup>

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP

### **Resumo**

A ausência de espaço para pessoas desconhecidas do grande público nos programas jornalísticos da televisão brasileira motivou a equipe a assumir o desafio de buscar fontes anônimas que pudessem relatar suas histórias de vida de forma jornalística e com interação mínima por parte do repórter. Assim, o vídeo jornalístico Portelinha foi produzido no âmbito da disciplina Telejornalismo II da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). A favela Portelinha, localizada na periferia de Piracicaba, foi o cenário escolhido para os relatos de vida dos moradores, que vivem em condições precárias de moradia. Além de contar os anseios e o fato gerador para a mudança para a favela, também permite desvendar o aspecto essencial neste conglomerado humano, semelhante a outros dos grandes centros: a falta de respeito para com as camadas mais empobrecidas da população.

### **Palavras-chave**

Portelinha; Vídeo jornalístico; Favela; Inclusão social

### **1. Introdução**

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 06 Produção Laboratorial em Videojornalismo (avulso/conjunto ou série)

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: jarsantos3@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: camposjunior.jornalista@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: lais\_schiavolin@hotmail.com

<sup>5</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: luanaruiz10@terra.com.br

<sup>6</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: ma.ef@hotmail.com

<sup>7</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: marinacoltro@hotmail.com

<sup>8</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: paula\_amaral@ipeuna.com

<sup>9</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: thaisrjnascimento@gmail.com

<sup>10</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo da Unimep, email: anamcorde@gmail.com

Ter o conhecimento da história de um morador da favela também é ter o redescobrir a realidade social brasileira. A vida de quem mora na Portelinha está entrelaçada com questões de relevância social. É por meio dos relatos dos moradores que é possível atentar para a falta de condições de saneamento básico, de saúde, fragilidade das moradias, infraestrutura precária, e ausência de políticas efetivas de inclusão social.

Dados do Censo 2010 indicam que os maiores municípios do Brasil concentram 70% dos domicílios em favelas. Aglomerados subnormais como a Portelinha são locais em que doenças como sarampo, dengue, tuberculose e hepatite podem se tornar epidemias devido à situação em que a comunidade se encontra e a falta de conhecimento das pessoas sobre as doenças e suas prevenções.<sup>11</sup>

Uma das características de uma produção jornalística é tornar pública uma realidade social desconhecida na esfera pública, debater os problemas sociais, expor, e discutir determinados assuntos, como por exemplo, o tema deste vídeo, que conta a história dos moradores da favela Portelinha, sob o ponto de vista deles próprios. Trazer este tema ao público é ter a possibilidade de informar aos espectadores sobre a vida destas pessoas e possibilitar que o telespectador, a partir destas informações, possa olhar de forma diferente e mais humanizada para os moradores de uma favela e, se possível, a partir da opinião pública ajudar a cobrar políticas públicas mais justas.

## **2. Objetivo**

Objetivo deste vídeo jornalístico é mostrar a realidade dos moradores da favela Portelinha, desconhecida pelas pessoas que, embora vivam tão próximo a eles, não imaginam os detalhes da vida de pessoas que por diversas contingências se viram obrigadas a morar em um local desprovido de infraestrutura. Os relatos dos moradores da favela dão a oportunidade aos espectadores de “entrarem” na vida destas pessoas, e de conhecerem, por meio de imagens e palavras dos entrevistados, a história de vida de cada um deles.

## **3. Justificativa**

Possibilitar às pessoas desconhecidas que tenham voz e afirmem sua identidade e possam ter maior visibilidade social, por si só já é mais do que justificativa para essa produção.

---

<sup>11</sup> Disponível em <http://www.igbe.gov.br>. Acesso em 29/03/2014.

Entretanto, relatar a vida cotidiana dos moradores da favela Portelinha é também importante por possibilitar, por meio de método jornalístico, um novo olhar para as pessoas que vivem nas favelas e, na maioria das vezes, são noticiadas de forma negativa, contribuindo para a formação de uma opinião pública equivocada e se desinteressam de conhecer as histórias e a realidade de quem mora ali.

#### **4. Métodos e técnicas**

Para produzir este vídeo, foram utilizados os métodos e técnicas jornalísticas, ou seja, as etapas de produção começaram com a definição do tema, levantamento bibliográfico sobre os conglomerados urbanos que formam o cinturão periférico dos grandes centros com a consequente “favelização” das pessoas mais pobres economicamente.

Em seguida foram realizadas algumas visitas a campo à favela Portelinha para conhecer a realidade da comunidade e das pessoas que ali vivem. A partir destas visitas, foram selecionadas as histórias que mais tocaram a equipe. Mais três visitas ao local foram necessárias para gravação das entrevistas que respeitaram a singularidade das fontes, conforme preceitua os cânones jornalísticos, seguidas da decupagem e construção do roteiro de edição e da edição propriamente dita, com a preocupação de manter a fidelidade do contexto em que as falas ocorreram.

#### **5. Descrição do produto ou processo**

É comum as produções televisivas encontrarem ampla repercussão quando estão compatíveis com a cultura do público telespectador, conforme afirma Arbex Jr (2002, p.132): “as mensagens e versões veiculadas pela mídia, para serem eficazes, devem estar em consonância com as atividades e convicções que os indivíduos colocam em prática em seu cotidiano”.

Assim, o desafio deste vídeo foi levar uma realidade desconhecida do público elitista habituado aos programas jornalísticos padronizados e com conteúdos voltados para os próprios interesses. Por meio da cultura, principalmente da música, as favelas começaram a ser incorporadas às cidades. Por serem considerados “erros”, visualmente “feias”, e serem taxadas como causadores de incômodos, o poder público iniciou a construção de casas populares para serem vendidas para esses moradores.

A proposta desta produção teve autonomia de apuração e finalização, com orientação pela professora responsável pela disciplina Telejornalismo II, diferente do que ocorre com os grandes meios de comunicação, conforme registra Kucinski (1998, pg.17): “A atuação do jornalista no Brasil é constrangida por um modo autoritário de controle de sua produção, falta de garantias à liberdade de expressão jornalística e dimensões restritas ao mercado de trabalho”. Outro autor que demonstra preocupação com essa questão do poderio dos conglomerados televisivos é Bucci (2004, p.128-129) quando se refere ao termo “demagogia”:

Refere-se [demagogia] a uma forma de mentira política: quem reduz o mal-estar ético da mídia contemporânea a uma escolha binária entre verdade e mentira simplifica o problema e alimenta a ilusão de que o complexo formado pelos meios de comunicação e pela indústria cultural poderia, desde que conduzido por senhores bem-intencionados, ser compatível com a verdade. E não é. Esse complexo já encerra em si a função de entorpecer a razão. (...) Pois a natureza da indústria cultural (conceito que, aliás, não considero revogado, nem de longe) é incompatível com o projeto de verdade jornalística.

A opção por um vídeo jornalístico que não seguisse os padrões televisivos da indústria cultural é justamente possibilitar uma alternativa a esses formatos adotados (e impostos) pela indústria cultural. A seguir, estão apontadas algumas informações sobre o processo de produção e o próprio vídeo.

### **5.1 Descrição do processo de produção**

Algumas universidades estão propiciando aos estudantes a oportunidade de vivenciarem de forma crítica, situações que possam oferecer uma visão plural da realidade social, para além dos aspectos acadêmicos. Alguns destes cursos são ministrados por professores afrodescendentes ou da própria comunidade. O curso de Jornalismo da Unimep, tem essa preocupação de alargar o horizonte dos estudantes de forma crítica. Além disso, segundo Mariz, Fernandes & Batista (1999, p. 335-336), outra motivação para os jovens é a religião e a família, havendo uma afinidade entre eles, especialmente no discurso religioso politizado.

Segundo Mafra, (1999, p. 280) a falta de suporte dos governos de não propiciar serviços básicos criou esses espaços alternativos na periferia das cidades e um sistema de segurança

falho, a falta de suporte à educação, saúde que, muitas vezes, são preenchidos por Organizações Não Governamentais (ONGs). Em alguns casos, também dão vazão para outros tipos de organizações (criminosas) assumirem e fazerem o “papel do Estado”.

Ainda segundo Mariz, Fernandes & Batista (1999, pag. 324), como essas ações políticas excluem uma parcela da sociedade, o efeito da distribuição de renda baixa, que leva muitos a procurarem caminhos alternativos, obviamente não é uma desculpa, mas essas pessoas tendem a ter mais contato com o crime, drogas, prostituição e se organizam paralelamente. Muitas vezes, o Estado tenta inibir e combater esse tipo de violência e organizações, mas as ações policiais acabam sendo extremas.

A ação policial, como sempre violenta, com espancamentos e uso de gás lacrimogêneo, não logrou dispersar os manifestantes e levou alguns moradores a começar a apedrejar, do alto do morro, os carros que transitavam pelo túnel. A polícia era impotente contra esse tipo de ataque. Segundo alguns, os apedrejamentos só cessaram quando, da prisão o “dono” do tráfico ordenou suspensão. (ZALUAR & SOUZA, 1999, p. 235)

Nos últimos anos, a proximidade entre “favela” e “asfalto” vem crescendo, como podemos ver em novelas e músicas de sucesso.

Como as favelas são marcadas pelo tráfico de drogas e criminalidade conforme mostra as emissoras de televisão, alguns cuidados foram tomados no sentido de as visitas serem feitas somente durante o dia e nunca por um único aluno.

## **5.2 Descrição do produto**

O audiovisual Portelinha procurou mostrar ao público personagens como o morador mais antigo, pessoas com dons artísticos, trabalhadores, as histórias de vida, o que os levou a viver na favela e as curiosidades do local. Ao longo do vídeo notam-se depoimentos de personagens especiais e importantes para fornecer ao espectador, um choque de realidade.

Para estas entrevistas, foi utilizado microfone de lapela para a deixar o entrevistado com mais à liberdade para se expressar de forma singular, respeitando as características de cada um. As sonoras mais se assemelham a uma conversa do que a entrevistas da forma padronizada do jornalismo televisivo.

As fontes são:

- Janaina de Lourdes – Uma das líderes comunitárias da favela Portelinha, no vídeo foi retratada como “Guerreira”, pela própria história de vida.
- José Manuel das Neves – Um senhor aposentado, que luta para sustentar os filhos, um deles com um problema grave de saúde que enfrenta dificuldades por viver nas condições precárias em que se encontram.
- Claudenicio dos Santos - Um dos primeiros comerciantes da comunidade.
- Emanuelini Ramalho dos Santos – Mãe de nove filhos luta para sustentar e manter unida a família diante das dificuldades de se viver em um lugar tão pequeno.
- João Aparecido da Silva – Empresário, sonhador, que procura jovens talentos do funk e diz acreditar no trabalho e na música.
- Marcio Cezar Silvestre – Pastor e ex-presidiário, uma história foi que impacta, pelos erros, conquistas e lutas. Em um primeiro contato era para ser uma entrevista com o pastor da comunidade, mas o foco evoluiu para as narrativas sobre a passagem dele pelos presídios.

A abertura do vídeo já pretende despertar o interesse do público e utiliza uma câmera subjetiva com inserção de informações sobre ano, local, quantidade de famílias etc. Como estratégia para, ao mesmo tempo em que revela as condições da favela, traz para o público informações objetivas sobre o cenário onde vivem essas personagens reais.

A opção por som ambiente, sem acréscimo de músicas que possam alterar o sentido, foi dar credibilidade e mostrar a realidade sem “maquiagem”, aproximando-se o máximo possível de um jornalismo que revele as condições reais em que vivem estas pessoas.

Também foram inseridos alguns trechos com imagens externas da favela para propiciar breves momentos de reflexão nas mudanças dos personagens reais que contam as respectivas histórias de vida.

Para encerrar o vídeo, a mensagem pretendida foi mostrar a luta, o dia a dia e condições de moradia dessas pessoas, mas acima de tudo a esperança que cada família possui e o senso de comunidade, fé e trabalho na vida de cada entrevistado, aquilo que dá força para continuar e batalhar por uma vida melhor.

## 6 Considerações

A realização deste audiovisual trouxe aprendizado pessoal e profissional, além do conhecimento sobre as dificuldades enfrentadas por uma parcela da população para sobreviver, como os moradores da Portelinha.

As péssimas condições de moradia, alimentação, educação e saúde são completamente diferentes das vivenciadas pelos integrantes da equipe produtora do vídeo, o que provocou uma transformação na forma de olhar para essa difícil situação de milhares de pessoas que sobrevivem em favelas como esta.

Foi possível, além da possibilidade de pôr em prática os conceitos de jornalismo, com relação às fontes anônimas, que pouco espaço têm na mídia em geral, em especial na televisão e, inclusive, quanto às questões éticas na relação com as fontes. O aprendizado quanto à fidelidade ao contexto do que foi dito foi de suma importância.

Mais que a pluralidade de vozes, foi registrada a pluralidade de vidas. A experiência sensibilizou a equipe e possibilitou a compreensão do que, na prática, é não julgar e não ter preconceito. É entendimento da equipe produtora de que esse vídeo contribui de alguma forma para uma reflexão mais efetiva por trazer um novo olhar para esta realidade social tão específica.

## Referências bibliográficas

ARBEX JR., José. **Showrnlismo, a notícia como espetáculo**. 2ª ed., São Paulo: Casa Amarela, 2002.

BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. 1ª ed., São Paulo: Boitempo, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Global, 1933. 768 p.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

PANDOLFI, Dulce. **A Favela Fala**. 1. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ZALUAR, Alba Maria; SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. **Um Século de Favela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999. 372 p.

MARIZ, Cecília L., FERNANDES, Sílvia Regina Alves e BATISTA, Roberto: Os universitários da favela, in: ZALUAR, Alba Maria; SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. **Um Século de Favela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999. 372 p.

MAFRA, Clara: Drogas e Símbolos - redes de solidariedade em contextos de violência, in: ZALUAR, Alba Maria; SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. **Um Século de Favela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999. 372 p.

ZALUAR, Alba Maria; SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. **Um Século de Favela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999. 372 p.